



Ano 5; N.º171; Periodicidade (média): semanal

## FOLHA INFORMATIVA N.º 04-2011

### *O destino de um barco não é morrer na margem...*



Nem o destino dos barcos, nem o destino dos “avieiros”. Na margem esquerda do Tejo, na localidade de Chamusca, mais concretamente num local designado por Porto da Cortiça, fomos encontrar este barco. Poder-se-ia dizer que, moribundo, se despede da vida, cansado das campanhas em noites magras, conformado com a sina traçada na água do rio. O sável escasseia. E ele, desiludido, vai partindo lentamente.

As “savares e as sabugares” para sempre recolhidas, vazias de peixe, cheias de dor e de saudade pelos tempos que não voltam, mas que estão marcados para sempre na memória e na alma de quem lançou às águas o ganha-pão feito redes. Segundo o Sr. Jaime Fernandes, avieiro residente em Chamusca, “savares são redes feitas em linho para captura de Sável e outras espécies de arribação, como a saboga e a lampreia.”



Em julho, no espetáculo "Tejo, Cais da Lezíria", que transformou o Porto das Mulheres na Chamusca num imenso palco artístico, numa homenagem ao rio e às suas gentes, encontrámos várias famílias avieiras. Travámos conhecimento com uma, em especial, a que se seguiram alguns encontros nos quais partilharam experiências, memórias e emoções da vida dura travada nas águas do Tejo.

O Sr. Jaime Fernandes é um homem alto e firme; de aparência forte e robusta, rosto marcado pelos anos e olhar expressivo. Move-se com agilidade na areia e nos terrenos lodosos e



alagados das margens. Tem conversa franca e fácil. É dele o barco moribundo encontrado. E é das suas mãos que nasceu um outro, ainda por batizar, poucos metros à frente, à borda d'água.

Conduz com perícia uma carrinha que diariamente o ajuda a fazer o trajeto da horta amanhada, perto do rio, à "venda" que possui, frente à Estrada Nacional nº 118. Convida-nos a segui-lo e a sentarmo-nos à sombra de uma latada de videiras e aboboreiras.

Fala-nos da família, dos antepassados, da partida de Vieira de Leiria e da fixação por estas paragens mais a montante do Tejo. É com jovialidade que recorda a sua infância, o namoro com Maria Lameira e a construção da barraca, anos depois dos filhos terem nascido. Não deixa transparecer amargura por esses dias difíceis de pesca noturna e, quantas vezes, madrasta. Prefere contar episódios de quando as fataças e os barbos eram tantos que puxar as redes quase os fazia cair à água.



A mulher, companheira de uma vida, Maria Lameira, mantém-se calada mas atenta. Os olhos brilham à medida que ouve o marido desfiar pérolas de memória que talvez guarde também, atadas em laços de ternura.



O Ti Jaime Fernandes



A D. Maria Lameira

*“Os meus quatro avós nasceram na Vieira. O meu pai é que já nasceu cá e eu também, no Patacão de Baixo [em Alpiarça]. Chamava-se Manuel Grilo. Só depois de morrer é que sabemos que era Manuel Gouveia Grilo. Eu achava estranho ser Fernandes de apelido, mas o meu avô paterno era Fernandes de apelido. Era o meu avô Inácio Fernandes. A minha avó*

*paterna chamava-se Emília Pimenta Gouveia, por isso é que o meu pai era Gouveia e eu não sabia. A minha irmã mais velha herdou o apelido da minha avó materna.”*

Acompanhávamos com alguma dificuldade o relato do Sr. Jaime - *Ti Jaime* -, como todos lhe chamam e ele gosta de ser tratado. As famílias contraíam matrimónio entre si, por isso os mesmos nomes são comuns entre avieiros. Normalmente, primos casavam com primos. Como ele e a senhora Maria Lameira Fernandes.

O objetivo desta conversa era ouvir a *estória* do barco que Ti Jaime estava a construir, desde há três anos. Mas antes disso, ouvimos histórias de família, de pesca, de redes...

*“Antigamente pescava-se de noite porque as redes de linho enganavam o peixe. Agora que se usa o «coco», pesca-se tanto de noite como de dia porque as redes de «coco» cegam o peixe.*

*As fases da Lua têm muita influência na pesca. A melhor altura é a Lua Nova e a Lua Cheia. Eu e os meus antepassados gostávamos de deitar um lance quando estava a Lua a nascer. Rendia sempre mais, quer o sável, quer a lampreia ou a saboga.*

*O meu falecido avô pescava na Foz do rio Lis com uma “atarrafa” ao robalo e procurava aquela hora, o nascer da Lua, porque pescava mais. O nascer da Lua é quando o peixe vai fazer a desova e se mexe mais.”*

Enquanto decorria esta explicação, *Ti* Maria Lameira foi buscar à arrecadação um dos remos do barco, ainda em fase de acabamento, mas já na água, na zona do antigo Porto da Cortiça.



Então, *Ti Jaime*, com o remo ao colo explica que *“se o remo encaixar demasiado apertado na guia, a pressão não o deixa ir à água. O remo divide-se em pá do remo (o que entra na água), cano do remo (onde se agarra) e o resto que é o corpo do remo. Os nossos antepassados chamavam uma “cáqueda do remo”.*

Ri-se. E continua... *“Pois. O barco também tem três divisões: a “emparadêra”, a zona da cama e a parte da oficina de trabalho. No inverno vínhamos dormir para a barraca, mas de resto fazíamos tudo no barco. Até se dormia no barco. Durante a noite, quando havia crianças pequenas, as mulheres atavam-nos à saia com uma fita para não caírem á água.*

*A minha noite de núpcias foi passada no barco, claro! Não tínhamos casa. Bem...não era casa, era barraca. Mas nem isso tínhamos. A primeira barraca construída no Porto do Carvão foi a do meu pai em 1940. Depois fez-se a da minha irmã e só depois a minha.*

*Eu tinha um barco que o meu pai me deu quando casei. Deu-me o barco, umas redes, uns malhos e galrichos. A sogra deu-me a mulher. Trouxe umas roupinhas e umas louças. Depois era tudo trabalho...O barco era a nossa casa. ”*

A tarde decorria rapidamente. Tínhamos chegado depois do almoço, numa tarde quente de princípio de agosto. O sol começava a ocultar-se atrás dos telhados das casas. De vez em quando, Ti Jaime parava o relato das suas *estórias* para cumprimentar alguém: um amigo que passava, um vizinho, ou simplesmente gritar à mulher o preço de um melão que Maria Lameira tinha vendido. Melão, tomate, abóbora, feijão e até couves e alfaces enchiam as caixas expostas na “venda” que eram vendidos sempre “bem pesados”. Eram os produtos que Ti Jaime arrancava, desta vez, à terra e não à água. Ainda pescava, sempre na companhia da mulher que remava, embora custasse a crer que aquela figura pequena pudesse ter força para mover um barco na corrente do Tejo.

Mostrou-nos as mãos calejadas pelo tempo e pelos remos, para que de tal não restassem dúvidas. E continuou recatadamente sentada, frente ao marido e atenta à venda.

Como a hora já ia adiantada e antes que se fizesse tarde para as couves com feijão do jantar, acompanhámos *Ti Jaime* até à beira-Tejo, onde um sobrinho e um ajudante terminavam a pintura do barco. Levámos os remos para serem experimentados.



Resoluto avança determinado na direção do rio. Percorre um caminho conhecido. Deve tê-lo feito milhares de vezes, desde há dezenas de anos. Poderia andar com a mesma firmeza, ainda que de olhos vendados, *“como nas noites sem luar, escuro como breu”*. O pequeno trilho não é mais do que as linhas traçadas pelos passos na erva alta. Mas ele conhece-o. Sabe de cor cada pedra do caminho e cada pedaço de chão. *“Cuidado!”*, recomenda-nos.

Seguimo-lo confiantes. Basta colocar os pés nas marcas deixadas pelos seus.

Chegamos ao ponto onde, ancorados e presos por cordas, descansam os barcos.



A cor verde dos barcos serve de camuflagem quando deslizam junto aos salgueiros....



Ti Jaime Fernandes observa com atenção os trabalhos...



... orienta e dá explicações

Aqui, a conversa continuou até que o sol se pôs totalmente. O Tejo mudava de tonalidade até lembrar apenas um espelho de prata. Nos salgueiros, as aves regressavam para passar a noite. O ar arrefecia lentamente. O cheiro a Tejo intensificava-se, quase tanto quanto o olhar profundo de *Ti Jaime* a olhar para a água. Deslizava o olhar sobre o leito do rio, como uma carícia. Deteve-se numa enseada na outra margem...

“Vocês têm é de voltar cá para irmos à pesca” – convidou.

Iremos. Iremos à pesca. Iremos em busca de outras memórias...

Por agora, voltemos atrás no tempo e ao tempo em que nasceu o projeto de construir este barco. Começou com um pedido do sobrinho, há cerca de 3 anos atrás...

*“...ó tio, pra não deixar isto morrer!...”*

E não morreu. Fica o registo de imagens, desde as primeiras tábuas assentes em traves, até ao seu lançamento à água.

***Parte II – A construção da bateira do Ti Jaime – [fotos gentilmente cedidas por uma sobrinha do Ti Jaime, “pescadora por afinidade”, casada com um descendente desta família avieira].***





*Os braços são feitos em pinho manso, conforme Ti Jaime fez questão de sublinhar...*





*A caminho do antigo Porto da Cortiça, bem perto do Porto do Carvão*



*O transporte do barco até à água...*



Ti Jaime Fernandes e o seu “último” barco. “Último” porque acreditamos que ainda construirá muitos mais - o destino de um barco não é morrer na margem, nem a arte nas mãos de um avieiro...

**Ana Paula Pinto e Carlos Vitorino**

*Chamusca, Agosto de 2011*

*Fotos da Parte II: - Dr.ª Lurdes Couto, sobrinha de Ti Jaime Fernandes*

## APRESENTAÇÃO DA FOLHA INFORMATIVA

Num dos nossos encontros com a família Grilo, avieiros da Chamusca, surgiu o apontamento que agora apresentamos em Folha Informativa.

Trata-se da construção do "último barco avieiro", do Sr. Jaime Grilo, conforme nos informou. Descobrimo-lo por acaso, na sequência da nossa visita à Chamusca, em 2011, para assistirmos ao espectáculo "Tejo, Cais da Lezíria", onde travámos conhecimento com o Sr. Presidente da Câmara e, posteriormente, com o Sr. Jaime.

Poderá não ser o "último barco avieiro" a ser lá construído, e não o será certamente, mas o Sr. Jaime assume-o como o "último da sua vida". É uma pequena homenagem a esta família que tão calorosamente nos acolheu, aquando das nossas visitas em busca de "emoções dos avieiros".

Aos autores desta Folha, Ana Paula Pinto e Carlos Vitorino, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.